

Europa no Fio da Navalha: Entre o Protecionismo Americano e a Abertura Chinesa

Publicado em 2025-04-03 20:41:49



As novas tarifas anunciadas por Donald Trump são mais do que um erro económico interno: são um terremoto cujas ondas de choque se farão sentir em todo o planeta. E, como sempre, **a Europa está no epicentro da turbulência sem ter provocado o sismo**. A dependência comercial, tecnológica e estratégica da União Europeia em relação aos Estados Unidos torna-a vulnerável à imprevisibilidade de Washington. E quando essa imprevisibilidade toma a forma de protecionismo agressivo, **a UE tem apenas duas opções: ajoelhar ou reposicionar-se**.

A história das relações transatlânticas está repleta de alianças cómodas e cumplicidades estratégicas. Mas também está marcada por assimetrias e submissões. A Europa tornou-se, em muitos aspetos, **um prolongamento comercial e diplomático da América**, com escassa margem de manobra nas grandes questões globais. A atual ofensiva tarifária de Trump é mais um lembrete cruel de que **essa relação não é de parceria equilibrada, mas de domínio volátil**.

E no entanto, há uma oportunidade embutida nesta crise. Se a Europa tiver coragem política e visão estratégica, pode usar este momento para

se libertar da dependência cega aos Estados Unidos. Isso não significa romper com o Ocidente, mas sim afirmar-se como um polo independente e com agenda própria. Um novo equilíbrio é possível: com relações comerciais reforçadas com a Ásia, acordos técnicos e energéticos com a China, cooperações mais sólidas com o Sul Global.

A China, por seu lado, está atenta. Não por altruísmo, mas por interesse estratégico. Pequim sabe que pode preencher o vazio deixado pelos EUA e oferece à Europa **acordos comerciais, colaboração tecnológica e infraestruturas.** Tudo isso, claro, com condicionalismos que exigem cautela e negociação inteligente. A Europa não pode substituir uma dependência por outra. Mas pode, e deve, diversificar.

O verdadeiro desafio para a União Europeia é interno: **ultrapassar as divisões entre Estados-membros, romper com a inércia burocrática de Bruxelas e assumir-se como um ator global.** Não basta falar em autonomia estratégica, é preciso praticá-la com assertividade.

Se o fizer, a Europa pode sair mais forte desta crise. Se não o fizer, será apenas mais uma região apanhada na tempestade de um mundo multipolar em reconfiguração.

A hora é de escolher: entre ser peão num tabuleiro alheio ou tornar-se jogadora com voz própria.

[Francisco Gonçalves](#)

Créditos para IA, DeepSeek e ChatGPT (c)